

## Distribuição ocupacional na região sul do Brasil em 2002 e 2007: estudo a partir das PNAD'S

Adriana Evarini/UEL  
Solange de Cassia Inforzato de Souza/UEL  
Katy Maia/UEL

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a estrutura ocupacional na Região Sul no período entre 2002 e 2007, caracterizando os grupos ocupacionais quanto à escolaridade, gênero, faixa etária, raça, rendimento, posição e condição da ocupação. Para tanto, utiliza-se a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) como base de dados e um *software* estatístico para mapear as informações pertinentes à pesquisa. Os resultados revelam para a Região Sul um aumento do número de ocupados nas ocupações mais qualificadas, como Dirigentes e Profissionais das Ciências e das Artes, diminuição dos trabalhadores nas ocupações menos qualificadas principalmente nos Trabalhadores dos Serviços e Trabalhadores da Produção, melhor situação das mulheres no mercado de trabalho. Há predominância da faixa etária de 40 a 65 anos entre os Dirigentes e um incremento de escolaridade em todas as ocupações. Ocorre uma diminuição dos indivíduos ocupados na classe econômica E em todos os grupos, deslocando para a classe C, apesar da predominância dos ocupados menos qualificados na classe E e dos mais qualificados na classe AB e C. Os ocupados brancos deslocaram-se das atividades ligadas às ocupações de execução, e em contrapartida, ampliaram a proporção dos não brancos nessas ocupações. Houve aumento da informalidade em todas as ocupações.

**Palavras-chave:** Ocupação, Perfil, Região Sul.

### 1 INTRODUÇÃO

A literatura econômica aponta que a distribuição ocupacional brasileira sofreu os reflexos dos problemas macroeconômicos enfrentados pelo Brasil, que exigiram novos requisitos para a contratação da mão-de-obra nos novos processos produtivos. Tais reflexos podem ser abordados sob diferentes questões, em especial sobre a divisão do trabalho entre os grupos ocupacionais.

Entre 2002 e 2007, observa-se um comportamento diferente do mercado de trabalho brasileiro do que vinha ocorrendo em períodos anteriores. Após décadas de crises inflacionárias, vulnerabilidade externa, predomínio na década de 1990 da informalidade, precarização, flexibilidade das relações de trabalho e terceirização, o país finalmente entrou em uma trajetória de crescimento, ainda que moderado.

A relativa estabilidade econômica aliada à distribuição mais equitativa da renda e indicadores mais favoráveis propiciou reflexos positivos no mercado de trabalho. Tais reflexos podem ser abordados sob diferentes aspectos, como por exemplo, a reorganização das ocupações, a distribuição dos rendimentos e a nova conformação do mercado de trabalho no período recente.

Este trabalho tem por objetivo examinar a estrutura ocupacional no Brasil e na Região Sul no período entre 2002 e 2007 caracterizando os grupos ocupacionais quanto a identificações pessoais (escolaridade, gênero, faixa etária, raça), rendimento, posição na ocupação e condição da ocupação. Para isso, utiliza-se a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) como base de dados e um *software* estatístico para mapear e fazer as interações das informações pertinentes à pesquisa. Os resultados foram analisados através de instrumentos gráficos e tabulares que evidenciaram os movimentos internos do mercado de trabalho no Brasil e na Região Sul em sua dinâmica ocupacional.

O trabalho faz uma breve discussão sobre a estrutura ocupacional, expondo as transformações maiores do mercado de trabalho da década de 1990 a 2000, e revisa os grupos ocupacionais no Brasil, para, em seguida, fazer a análise dos dados obtidos para o país e a Região Sul.

## 2 MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL E EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA OCUPACIONAL: ANTECEDENTES E DEBATE ATUAL

No contexto atual de recentes mudanças na economia brasileira, o mercado de trabalho tem passado por transformações relevantes. O comportamento da estrutura ocupacional é uma dessas transformações, que pode ser abordado sob diferentes aspectos, em especial sobre os grupos ocupacionais. [KON (1995), DEDECCA (1999), QUADROS (2004)].

Estudos revisados enfatizam que as décadas entre 1930 e 1980 foram marcadas pela estruturação do mercado de trabalho<sup>1</sup> e expansão do emprego, especialmente assalariado e formalizado. Mesmo com os sinais positivos do movimento de organização do mercado de trabalho alguns problemas, como a informalidade, desigualdades nos rendimentos, subemprego entre outros, ainda persistiam. A partir dos anos 1980, as ocupações geradas tornaram-se mais precárias, houve uma desaceleração na queda das ocupações do setor primário, o setor industrial deixou de ter a maior contribuição relativa no total das ocupações e ampliou o setor terciário. Aliado a isso, verifica-se o crescimento do emprego assalariado sem carteira assinada acompanhado da ocupação por conta-própria.

Kon (1995) contribui para a discussão analisando o aumento das taxas de crescimento das pessoas ocupadas nos anos entre 1960 e 1980, que ocorreu de forma diferenciada entre os grupos ocupacionais, e com a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, implicando assim, em uma tendência histórica no país. Outra mudança consiste em um crescimento dos ocupados nos grupos de ocupações técnicas, científicas e administrativas, isto é, que exigem maior qualificação da mão-de-obra na década de 1960 e 1970. Ainda nos anos de 1970 observa-se uma expansão de indivíduos ocupados na indústria e no comércio. A fase de crescimento das atividades econômicas e o aumento do consumo interno resultante da elevação da massa salarial, entre outros fatores, contribuíram para o aumento de trabalhadores em atividades ligadas aos serviços. Por outro lado, a autora ainda ressalta a diminuição da população ocupada no setor primário, sendo que essa mão-de-obra dirigiu-se para as ocupações urbanas.

Ainda de acordo com a autora, em face da queda da atividade econômica nos primeiros anos da década de 1980, as ocupações na indústria, as técnicas, científicas e as de transporte passaram a ter um ritmo menor de crescimento em comparação com anos anteriores, em contrapartida, as ocupações ligadas ao comércio e serviço compensaram a perda de emprego na indústria de transformação. Verificou-se um aumento de 6% nas ocupações por conta própria nos grupos ocupacionais do comércio e serviços.

Na década de 1990 passou a prevalecer o movimento de desestruturação do mercado<sup>2</sup> de trabalho. Essa década foi marcada por um crescimento do setor informal, precarizado e terceirizado [RAMOS e FERREIRA (2006), DEDECCA (1999), PCHMANN (2006)]. Mattoso (1995) contribui para essa discussão analisando a expansão das inseguranças do trabalho nessa década. No seu entender, houve desequilíbrio entre a oferta e a demanda de trabalho que foi favorecido pela não priorização do pleno emprego e pelo agravamento da alteração da composição setorial do emprego, com a redução da participação do emprego industrial, absorvedor de mão-de-obra, e ampliação da participação do emprego no setor terciário com sua tendência secular expansiva.

Dados da PNAD para o período 1992-1995 mostram que as ocupações que mais cresceram foram o trabalho assalariado com e sem registro em carteira de trabalho em estabelecimentos pequenos, o emprego doméstico e a ocupação por conta própria. No primeiro quinquênio dessa década em cada dez ocupações geradas duas eram assalariadas contra oito não assalariadas, sendo quase cinco de conta própria e três ocupações sem remuneração. Essa situação acaba gerando um movimento de dessalariamento em virtude da eliminação dos empregos com registros (CARDOSO Jr, 2007).

<sup>1</sup> Por estruturação do mercado de trabalho compreende-se aqui a predominância do segmento organizado do mercado de trabalho urbano, tendo em vista o avanço das ocupações mais homogêneas, com base nas empresas tipicamente capitalistas, na administração pública e nas empresas estatais representadas fundamentalmente pelo emprego assalariado regular e regularizado (POCHMANN, 2006, p. 123).

<sup>2</sup> Desestruturação do mercado de trabalho é a manifestação do setor não organizado do mercado de trabalho urbano, cujas formas principais de ocupação são heterogêneas, que não pertencem, sobretudo, às organizações tipicamente capitalistas, administração pública e empresas estatais. (POCHMANN, 2006, p. 123).

A desvalorização do real, observada em 1999, trouxe resultados importantes na reorganização e ordenamento do mercado de trabalho nacional. Montagner (2009), Pochmann (2006) e Ramos (2007), observam um importante movimento de recuperação do nível das ocupações no setor industrial nos anos 2000, mesmo com um ritmo de crescimento econômico inferior ao verificado na economia mundial. O comportamento do mercado de trabalho vem dando sinais de interrupção da trajetória consolidada nos últimos anos passados de forte contenção do nível da ocupação industrial e precarização dos postos de trabalho.

Outro detalhe a ser considerado foi o movimento de terceirização e terciarização da ocupação, ou seja, um aumento da participação da população ocupada nos setores de comércio e serviços. Esse movimento não se deu somente pelo aumento da PEA, mas também pela realocação entre setores da mão-de-obra, assim como, por exemplo, uma mudança nos postos de trabalho da indústria para o setor de comércio e serviços. Aliado a esse fator, no entender de Souza et al (2009), isso pode ser pensado pelo aumento das taxas de participação da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho e pelas modificações recentes sobre o mundo do trabalho, advindas dos processos globais de reestruturação produtiva e organizacional.

Um ponto a ser destacado é a retomada do crescimento do número de ocupados no setor industrial. Montagner (2009) evidencia que no período entre 2003 e 2007 foram gerados mais de 2 milhões de postos de trabalho nesse setor, sendo 620 mil no complexo metal mecânico. O setor de serviços no período acima mencionado passou a representar 37% das ocupações, cujo crescimento esteve centrado no setor de serviços de apoio a empresas, serviços de informática, nos transportes, comunicação e serviços financeiros.

Outros dados também são relevantes. Os setores de serviços pessoais e sociais privados cresceram muito pouco, já os serviços domésticos passaram a empregar de 15% em 1995 para 15,3% em 2005. O setor de serviços sociais públicos (redes de saúde e educação) cresceram de 12,5 para 14% na participação da ocupação total. Nos setores de serviços distributivos (comércio e reparação, transporte e armazenagem) e nos setores de serviços pessoais a geração de postos de trabalho está ligada às condições de oferta da força de trabalho, já os serviços produtivos que incluem serviços financeiros, comunicação e serviços sociais a ocupação está associada à demanda por trabalho (CARDOSO Jr, 2007).

Em relação a questão do trabalho formal e informal, observa-se um comportamento muito distinto, de 1995-1999 o emprego formal cresceu apenas 3,1% e de 2001-2005 foi de 20,5%. A PNAD mostra que a cada 100 novas ocupações geradas no último período referido 50,5% foram com carteira assinada contra 13,5% de 1995-1999. Segundo informações da PNAD a participação média dos empregados sem carteira assinada no setor privado no total de ocupados passou de 15,5% em 2003 para 13,4% em 2008. Esta redução decorreu do crescimento da participação dos empregados assalariados com carteira de trabalho assinada (39,7% para 44,3%). A categoria ocupacional do emprego doméstico com carteira cresceu 38,8% em 1995-1999 e apenas 12,4% entre 2001-2005.

O debate atual, no entanto, documenta que o desempenho do mercado de trabalho nacional tem apresentado um comportamento bem diverso do verificado nos anos 1990, segundo a literatura especializada [Baltar (2009), Ramos (2007), Pochmann (2006), Cardoso Jr (2007)] e grande parte dos estudiosos verificam uma tendência de reorganização do mercado de trabalho, uma retomada do crescimento do emprego assalariado formal, crescimento concomitante das ocupações industriais, aumento das contribuições previdenciárias dos sem carteira, continuidade do movimento de terciarização, uma recuperação tímida dos rendimentos do trabalho restrito a algumas ocupações e uma política de valorização do salário mínimo.

## 2.1 GRUPOS OCUPACIONAIS: BREVE DISCUSSÃO

Tuma (1987) e o Dieese elaboraram uma pesquisa voltada a descobrir o efeito da política salarial criada em 1964 sobre os demais rendimentos no Brasil por meio de 81 categorias profissionais abrangendo os anos entre 1964 e 1972. No entanto, a pesquisa revela que os reajustes salariais implementados de 1965 a 1974 implicaram em queda de 27% do poder de compra dos salários. Para os trabalhadores da indústria de transformação verifica-se queda dos rendimentos de 1964-1967 e uma recuperação em 1968. Outro fator revelado no final dos anos 1960 e início da década de 1970 reporta-se para o crescimento insignificante dos rendimentos da mão-de-obra não qualificada e semi qualificada, em contraposição, resultado muito distinto foi obtido para a mão-de-obra qualificada e profissional ligados aos postos de gerências.

No que tange a esse leque de remunerações, a autora ressalta o crescimento do rendimento dos profissionais que ocupam níveis mais elevados da estrutura hierárquica a taxas proporcionalmente mais elevadas que os demais níveis. Indicando para o período em questão, uma distribuição da renda em favor das classes altas e médias.

Barros et al (1997) analisam evidências sobre a relação entre a inserção ocupacional e as desigualdades do rendimento dos trabalhadores com baixa escolaridade (4 anos de estudo). Envolvendo dados estatísticos da PME (Pesquisa Mensal do Emprego) dos anos de 1983 a 1993 para Região Metropolitana de São Paulo o estudo agrupa as ocupações em 19 categorias ocupacionais.

Por meio de uma regressão do logaritmo do salário contra a idade e o sexo de cada trabalhador os autores identificam uma elevada desigualdade interna dos rendimentos do grupo de comerciantes por conta própria. Isso pode ser pensado pelas diferenças salariais por gênero e idade, uma vez que controladas essas duas variáveis, a heterogeneidade desse grupo se torna semelhante aos demais grupos ocupacionais.

Ainda de acordo com Barros et al (1997), ao longo dos anos 1980, a desigualdade do rendimento é elevada com o salário das ocupações da indústria metalúrgica, o qual é aproximadamente três vezes superior ao salário nos serviços domésticos. Esse fato sugere que a inserção ocupacional explica 25% da desigualdade salarial entre trabalhadores com baixa escolaridade. Especificamente, o estudo também demonstra a relação entre o tratamento desigual de homens e mulheres e a inserção ocupacional para o período de 1983-1993, concluindo que na maioria das vezes a força de trabalho masculina está presente nas melhores posições da distribuição de salários do que nas auferidas pela feminina.

Dedecca (2004) expõe a evolução da participação da população em idade ativa, a estrutura das ocupações e diferenciais de rendimento das categorias ocupacionais entre 1992 e 1999. Esse estudo detectou a perda da participação dos empregados no setor da indústria, especialmente na construção civil e indústria da transformação. Além disso, aumento da participação no segmento terciário e uma maior concentração do emprego público associada a expansão do trabalho autônomo nesse mesmo setor. Observa-se uma redução de 84% para 81% da participação dos ocupados com rendimento no total da PEA.

Outra investigação de Dedecca (2003) aborda a estrutura ocupacional e a nova dinâmica de absorção da mão-de-obra a partir dos anos 1990, a qual não vem sinalizando resultados positivos para o aumento do perfil de qualificação da mão-de-obra, implicando assim, na desigualdade. Esse ensaio adotou a construção de agrupamento de ocupações a partir da escolaridade, tempo de serviço e remuneração para os segmentos industriais metal-mecânico, químico e alimentício.

Isto posto, observa-se uma tendência positiva no perfil da qualificação até 1992 em relação a evolução da estrutura de ocupação desses segmentos industriais. As ocupações caracterizadas por níveis mais baixos de escolaridade, salário e tempo de serviço ampliaram, mesmo que de forma tímida, sua participação nas estruturas de ocupações no segmento de metal-mecânico e químico.

Por fim, o autor ressaltou o comportamento dos rendimentos no período de 1986-1996, o qual a partir de 1992 é observado uma queda do rendimento real em todos os segmentos e agrupamento de ocupações. Cabe destacar, que esse comportamento desfavorável reforça a desigualdade dos ganhos de produtividade obtidos no período.

Flori e Menezes Filho (2007) faz uma comparação do rendimento em cada grupo de ocupação nos anos de 1984 e 2001. Resultados dessa investigação implicam em aumento do rendimento em todas as categorias ocupacionais em 2001, exceto os trabalhadores dos serviços administrativos, permanecendo estes com o mesmo nível de rendimento. Os profissionais das ciências e das artes é o grupo ocupacional com rendimentos mais elevados entre os dois anos da análise. Apesar dos trabalhadores de serviços apresentarem o maior aumento relativo do rendimento neste período, esse trabalhadores são os que tem menor rendimento por hora. Assim, parte deste aumento salarial pode ser devido ao incremento educacional ocorrido entre os trabalhadores deste grupo.

Os autores ainda expõem a relevância em analisar a variação da renda dentro de cada ocupação, para assim observar se esses aumentos de rendimentos são em virtude do crescimento dos rendimentos dos mais ricos ou dos mais pobres. Nessa perspectiva, o estudo conclui:

Dirigentes, profissionais das ciências e das artes e trabalhadores da produção tem a diferença entre os mais ricos e os mais pobres aumentada em 2001, o que significa que o crescimento salarial médio verificado deve-se ao enriquecimento dos mais ricos (ou empobrecimento dos mais pobres). Entre os técnicos de nível médio, trabalhadores de serviços administrativos e trabalhadores dos serviços essa diferença é reduzida, ou seja, o salário dos mais pobres aumenta (ou dos mais ricos diminui). FLORI e MENEZES FILHO (2007, p. 28).

Entretanto, em um enfoque mais específico, o estudo aponta que quando comparado o rendimento entre homens e mulheres em 1984 e 2001, a única ocupação que a força de trabalho feminina ganha mais é a de técnico de nível médio. Na ocupação dos trabalhadores de serviços essa diferença vem reduzindo, porém, o maior diferencial dos rendimentos em relação a gênero está na ocupação de profissionais das ciências e das artes.

Quadros (2004) elabora um trabalho sobre diferencial de rendimento entre gênero e raça para o Brasil para os anos de 1992 a 2002. O autor buscou examinar a estrutura ocupacional individual definida por grupos ocupacionais por meio da classificação das ocupações com a situação na ocupação. Observa-se que a desigualdade é percebida, principalmente no acesso desigual das ocupações melhor remuneradas. De uma forma geral, homens e mulheres brancas são a maioria nas ocupações de rendimentos mais altos, em contraposição, os homens negros são mais percebidos nos grupos ocupacionais de rendimento baixo, restando para as mulheres negras os níveis mais inferiores.

Outra contribuição do estudo revela que nos níveis de rendimento superior e médio o grupo ocupacional de classe média assalariada foi mais significativo. As ocupações de classe média assalariada também são as mais expressivas para os rendimentos médios. Já para os níveis mais baixos destaca os operários e assalariados populares.

Buscando refletir sobre a distribuição do rendimento do trabalho principal no mercado de trabalho brasileiro nos anos de 1981 a 2005, destacando, as transformações ocorridas nos grupos ocupacionais, Maia (2006, p. 15) conclui que:

A desigualdade aumentou, sobretudo, entre integrantes das classes dos empregadores, profissionais autônomos e trabalhadores agrícolas conta-própria. Nas duas primeiras, a justificativa estaria no crescimento de pequenos empreendedores e posições autônomas que, na verdade, enrustiriam situações de informalidade do ocupado. Entre os trabalhadores agrícolas conta-própria, o crescimento da desigualdade expressaria o maior distanciamento social entre as comunidades regionais de proprietários conta-própria.

Evidências de Maia (2006) destacam o significativo aumento da participação dos ocupados com baixo rendimento em todas as classes ocupacionais, e os grupos ocupacionais de maior prestígio social (empregadores) e às posições autônomas que são os grupos mais desiguais. Embora os primeiros grupos proporcionem melhores oportunidades no mercado de trabalho, está restrito a poucos ocupado, o que corrobora para seus elevados índices de concentração dos rendimentos.

Nesse mesmo contexto, para o autor, a classe dos empregadores, além de concentrar a maior parcela relativa de renda, ainda apresenta o comportamento mais sensível aos períodos de instabilidade, ou seja, perde e concentra renda com mais destreza que as demais classes ocupacionais. Já a classe dos profissionais perdeu a maior parcela relativa de renda ao longo do período analisado, reduzindo sua diferença em relação às demais classes ocupacionais menos privilegiadas.

Com o intuito de investigar a desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres na região sudeste e nordeste em 2001, Soares e Oliveira (2004) fazem uma análise por ocupações para mostrar que os diferenciais de rendimento não ocorrem somente em função do sexo, mas das características de inserção das mulheres no mercado de trabalho, isto é, concentradas em ocupações que exigem pouca qualificação e de baixa remuneração. Observam-se nas duas regiões que as ocupações femininas estão mais presente em atividades específicas como: atividades de escritório, prestação de serviços de estética, hotelaria e alimentação, comércio, emprego doméstico, saúde, educação, vestuário e decoração e outros.

No que se refere ao diferencial de rendimento, a disparidade é marcante entre as duas regiões e são nas ocupações ligadas à educação que as mulheres do nordeste vêem seus rendimentos se aproximarem aos das mulheres no sudeste. No Nordeste a desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres é menor também na área de educação, mas é na atividade de escritório no Sudeste onde quase não há desigualdade de rendimento entre homens e mulheres.

Portanto, esse estudo aponta que as desigualdades de rendimento entre homens e mulheres variam de acordo com o grupo ocupacional e com a região. No sudeste, as diferenças do rendimento médio entre homens e mulheres são maiores nas ocupações ligadas às atividades do comércio (60,2%), enquanto que no nordeste estas aparecem mais fortemente no emprego doméstico (69,4%). As menores diferenças no rendimento de homens e mulheres são observados nas atividades de escritório no sudeste e na área de educação no nordeste. Curiosamente, as atividades de prestação de serviços, comércio e educação no nordeste apresentam uma desigualdade de rendimento menor que no sudeste (SOARES e OLIVEIRA, 2004).

### 3 BASE DE DADOS E PROCEDIMENTO DE PESQUISA

O presente estudo tem por base as informações coletadas na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 1997 e 2007. A PNAD tem periodicidade anual desde 1971, sendo interrompida por ocasião dos Censos Demográficos (1970, 1980, 1991 e 2000). Trata-se de um levantamento anual realizado por meio de uma amostra dos domicílios que abrange todo o país. O procedimento metodológico adotado pelo IBGE implica que cada pessoa da amostra representa um determinado número de pessoas da população. Os dados individuais nesse trabalho são fornecidos com o peso ou fator de expansão de cada indivíduo. Isso permite que os dados sejam elaborados ponderando-se cada observação pelo respectivo peso.

De acordo com as notas metodológicas do IBGE (2007), classifica-se como ocupados as pessoas que no período de referência tinham trabalho durante todo ou parte desse período e, ainda, as pessoas que tinham trabalho remunerado do qual estão afastadas temporariamente nessa semana por algum motivo (férias, por exemplo). Definiu-se “ocupação” como sendo o cargo, função, profissão ou ofício exercido pela pessoa. As ocupações foram classificadas utilizando-se a Classificação Brasileira de Ocupações – Domiciliar (CBO).

Para esse estudo as ocupações são divididas em seis grupos: Dirigentes (DIR), Profissionais das ciências e das artes (PCA), Técnicos de nível médio (TMED), Trabalhadores de serviços administrativos (SADM), Trabalhadores dos serviços (SERV), Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais e de reparação e manutenção (TPROD).

Consideram-se rendimentos de trabalho os decorrentes dos pagamentos brutos mensais aos empregados, empregadores e conta própria, sejam advindos do trabalho principal. O trabalho principal é o trabalho único que a pessoa de 10 anos ou mais de idade teve no período da pesquisa (semana de referência da PNAD), impondo-se outros critérios para casos especiais.

A análise é feita pela de uma caracterização das ocupações em termos de: 1- identificações pessoais (gênero, raça, escolaridade e faixa etária); 2- rendimento; 3- posição na ocupação e condição da ocupação. Em relação à raça, tem-se brancos e não brancos (amarelo, negro e pardo), sendo os indígenas excluídos da amostra. Os grupos de escolaridade são definidos de acordo com o seguinte intervalo: de 0 a 4 anos de estudo, de 5 a 8 anos de estudo, de 9 a 11 anos de estudo e de 12 ou mais anos de estudo. O perfil etário divide-se em faixa 1 (de 16 a 24 anos), faixa 2 (25 a 39 anos) e faixa 3 (40 a 65 anos). O rendimento segue a divisão em classes econômicas: E até R\$ 768,00, D de 768,00 à R\$ 1.064,00, C de 1.064,00 a R\$ 4.591,00, A-B acima de R\$ 4.591,00. A posição na ocupação é estruturada em empregados, empregadores e conta própria. Foi excluído da pesquisa o trabalhador não-remunerado, trabalhador na produção para o próprio consumo e da construção para o próprio uso. Por fim, a condição na ocupação considera como trabalhador formal os empregados e trabalhadores domésticos com carteira assinada, militares e funcionários públicos estatutários e como trabalhador informal os empregadores e trabalhador doméstico sem carteira assinada, conta própria e empregador.

Utilizou-se um *software* estatístico (*Stata*) para mapear e fazer as interações (cruzamento) das informações pertinentes à pesquisa. Os resultados foram analisados através de instrumentos gráficos e tabulares que caracteriza os movimentos do mercado de trabalho na Região Sul e no Brasil em sua dinâmica ocupacional.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 ANÁLISE DO PERFIL OCUPACIONAL NA REGIÃO SUL DO BRASIL

A análise descritiva dos ocupados será feita para avaliar a situação do mercado de trabalho no Brasil e na Região Sul, em 2002 e 2007, considerando sua dinâmica ocupacional.

A tabela 1 mostra a distribuição dos indivíduos empregados em cada ocupação no Brasil e na Região Sul no período analisado. A menor proporção dos ocupados no Brasil está entre Dirigentes, 6,66% em 2002 e 6,31% em 2007, a maior está entre os Trabalhadores de Serviços, 36,06% e 35,84% respectivamente; ambas reduzem sua participação no mercado de trabalho. O número de ocupados como Profissionais das Ciências e das Artes, Técnicos de Nível Médio e Serviços Administrativos alterou-se em 12,97%, 1,66% e 5,11% respectivamente, e o de Trabalhadores da Produção reduziu-se 1,2%.

Estudos de Flori e Menezes Filho (2007), sobre proporção dos indivíduos em cada ocupação nas regiões metropolitanas para os anos de 1984 e 2001, constataram a mesma tendência de 2002 e 2007 para o Brasil. Os Dirigentes reduziram a participação de 5,1% em 1984 para 4,5% em 2001 e quanto os grupos dos Profissionais das Ciências e das Artes, Técnicos de Nível Médio e Serviços Administrativos apresentaram aumento, de 6,4% para 10,1%, de 9,5 para 12,4% e 16,4% para 18,9%, respectivamente. Os Trabalhadores da Produção de 1984 a 2001 permaneceram no mesmo patamar (27%) e, ainda vale ressaltar que os Trabalhadores de Serviço reduziram 8% (de 35,2 para 26,8%), apresentando a maior queda de participação.

Observa-se para a Região Sul, no período estudado, um aumento do número de ocupados como Profissionais das Ciências e das Artes, Técnicos de Nível Médio e Serviços Administrativos (de 11,04, 4,43% e 5,59% respectivamente). Destaca-se os Dirigentes, que ao contrário do Brasil, tiveram um aumento de 7,35%, ou seja, houve um crescimento do número de ocupados em ocupações mais qualificadas.

**Tabela 1.** Distribuição percentual do número de ocupados em cada ocupação, Região Sul e Brasil, em 2002 e 2007.

Ocupações*	Região Sul		
	2002	2007	Δ%
DIR	7,35	7,89	7,35
PCA	8,06	8,95	11,04
TMED	9,25	9,66	4,43
SADM	10,38	10,96	5,59
SERV	31,37	30,89	-1,53
TPROD	33,60	31,65	-5,80
Ocupações	Brasil		
	2002	2007	Δ%
DIR	6,66	6,31	-15,59
PCA	7,87	8,70	12,97
TMED	9,50	9,70	1,66
SADM	10,40	11,14	5,11
SERV	36,06	35,84	-16,74
TPROD	29,51	28,31	-6,76

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2002 e 2007.

\*DIR (Dirigentes), PCA (Profissionais das Ciências e das Artes), TME (Técnico de Nível Médio), SADM (Serviços Administrativos), SERV (Trabalhadores do Serviço), TPROD (Trabalhadores da Produção).

A Região Sul, ao contrário do Brasil, apresentou um crescimento do número de ocupados em ocupações mais qualificadas que tem conteúdos de planejamento e liderança, como Dirigentes (diretores em geral, gerentes, dirigentes do poder público, etc.) e Profissionais das Ciências e das Artes (engenheiros, professores, médicos, dentistas, psicólogos, escritores, advogados, etc.). Nas ocupações menos qualificadas, ou seja, as que estão ligadas as atividades de execução, como Trabalhadores dos Serviços (trabalhadores domésticos, garçons, vigias, cozinheiros, etc.) e Trabalhadores da Produção (vidraceiros, pintores, ajudantes de obras civis, marceneiros, montadores, mecânicos, etc.) verifica-se uma redução do número de ocupados tanto na Região Sul como no Brasil, portanto, esses resultados mostram uma melhoria para o mercado de trabalho da Região Sul, uma vez que constatou-se uma queda do número de ocupados nas ocupações de execução e o inverso acontece nas ocupações mais qualificadas.

#### 4.1.2 Ocupação e identificações pessoais: gênero, raça, escolaridade e faixa etária

A tabela 2 apresenta a proporção das pessoas em cada ocupação por gênero, em 2002 e 2007. Os resultados do Brasil mostram um crescimento de 2,89% nas mulheres ocupadas e uma redução de -2,22% dos homens ocupados. O aumento da participação feminina na estrutura ocupacional é uma tendência histórica nas economias capitalistas em desenvolvimento. Essa maior participação da mulher apresenta aspectos positivos, como mudança dos valores sociais e a modernização dos processos produtivos, que acabou gerando uma maior divisão de trabalho entre os gêneros.

**Tabela 2.** Distribuição percentual do número de ocupados em cada ocupação, por gênero, Brasil e Região Sul, em 2002 e 2007.

Ocupações x Gênero	Região Sul					
	2002			2007		
	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem	Total
DIR	2,35	5,00	7,35	2,78	5,11	7,89
PCA	4,69	3,37	8,06	5,54	3,41	8,95
TMED	4,09	5,15	9,25	4,02	5,64	9,66
SADM	6,13	4,25	10,38	6,67	4,30	10,96
SERV	20,32	11,04	31,37	19,52	11,37	30,89
TPROD	6,13	27,47	33,60	6,15	25,50	31,65
<b>TOTAL</b>	<b>43,71</b>	<b>56,29</b>	<b>100</b>	<b>44,68</b>	<b>55,34</b>	<b>100</b>
Ocupações x Gênero	Brasil					
	2002			2007		
	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem	Total
DIR	2,21	4,45	6,66	2,31	4,00	6,31
PCA	4,55	3,32	7,87	5,14	3,56	8,70
TMED	4,48	5,03	9,50	4,41	5,29	9,70
SADM	6,07	4,33	10,40	6,62	4,52	11,14
SERV	21,73	14,33	36,06	21,86	13,98	35,84
TPROD	4,45	25,06	29,51	4,41	23,90	28,31
<b>TOTAL</b>	<b>43,49</b>	<b>56,51</b>	<b>100</b>	<b>44,75</b>	<b>55,25</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2002 e 2007.

Verifica-se uma maior participação feminina nas ocupações de maior e melhor conteúdo (planejamento) na Região Sul e no Brasil. Está evidenciado, para a Região Sul, nas ocupações de Dirigentes, que apesar de terem uma menor proporção do número de ocupados feminino, apresentou um crescimento de 18,30%; em contrapartida, os homens ocupados cresceram 2,2% nessa ocupação. Além disso, ressalta-se o grupo de Profissionais das Ciências e das Artes que aumentou em 4,52% para as ocupadas femininas e contraiu -10,11% para os homens. Apesar de serem ocupações com características mais femininas, a mulher conquistou seu espaço no período.

As mulheres são a maioria nas ocupações de Serviços Administrativos (assistente e auxiliar administrativo, telefonista, recepcionista, caixa, escriturário, etc.) e Trabalhadores dos Serviços (trabalhadores domésticos, garçons, cozinheiros, etc.), totalizando 26,45% em 2002 e 26,20% em 2007 para Região Sul. De forma oposta, o Brasil expandiu nessas ocupações de execução de 27,81% em 2002 para 28,48% em 2007. Esses resultados indicam uma melhoria da força de trabalho feminina no mercado de trabalho na Região Sul em relação ao Brasil.

Portanto, constata-se uma menor proporção de mulheres Dirigentes, porém, a sua participação aumentou em relação aos homens para a Região Sul e Brasil. As mulheres ligadas aos Profissionais das Ciências e Artes tiveram um maior espaço no Sul e houve uma redução de mulheres ocupadas nas ocupações de execução (Serviços Administrativos e Trabalhadores dos Serviços) na Região Sul.

A tabela 3 mostra a proporção dos indivíduos ocupados em cada ocupação de acordo com a raça no Brasil e na Região Sul em 2002 e 2007. Nota-se que na Região Sul os Dirigentes de cor branca estão em maior proporção nessa ocupação e tiveram um crescimento de 3,63% em 2007, porém, a variação percentual de 2002 a 2007 dos não brancos foi significativa (65,22%), apesar de serem em menor número; vale ressaltar que o esse aumento foi devido a um maior contingente de trabalhadores pardos nessa ocupação. No Brasil, o número de Dirigentes brancos reduziu-se em -8,13% e os não brancos cresceram proporcionalmente 9,80%.

Os indivíduos brancos que atuam no grupo dos Trabalhadores do Serviço, como trabalhadores domésticos, cozinheiros, garçons, vigia e tintureiros, tiveram uma queda de -7,12% e os não brancos aumentaram 19,05%. Os Trabalhadores da Produção, como vidraceiros, pintores, mecânicos, marceneiros, montadores e ajudantes de obras civis, apresentaram uma redução de -13,38% de brancos e uma expansão de 27,77% de não-brancos. Esses resultados indicam que os brancos estão deslocando dessas atividades ligadas a essas ocupações de execução e, em contrapartida, está ampliando a proporção dos não brancos nessas ocupações.

**Tabela 3.** Distribuição percentual os ocupados em cada ocupação por raça, Brasil e Região Sul, em 2002 e 2007.

Ocupações x Raça	Região Sul					
	2002			2007		
	Branços	Não Branco	Total	Branços	Não Branco	Total
<b>DIR</b>	6,89	0,46	7,35	7,14	0,76	7,89
<b>PCA</b>	7,56	0,5	8,06	8,04	0,91	8,95
<b>TMED</b>	8,25	1	9,25	8,2	1,46	9,66
<b>SADM</b>	9,35	1,03	10,38	9,43	1,52	10,96
<b>SERV</b>	24,59	6,77	31,37	22,84	8,06	30,89
<b>TPROD</b>	27,35	6,23	33,60	23,69	7,96	31,65
<b>TOTAL</b>	83,99	15,99	100	79,34	20,67	100
Ocupações x Raça	Brasil					
	2002			2007		
	Branços	Não Branco	Total	Branços	Não Branco	Total
<b>DIR</b>	5,04	1,53	6,66	4,63	1,68	6,31
<b>PCA</b>	6,07	1,69	7,77	6,3	2,4	8,70
<b>TMED</b>	6,12	3,32	9,50	5,83	3,87	9,70
<b>SADM</b>	6,86	3,49	10,40	6,8	4,34	11,14
<b>SERV</b>	18,01	17,92	36,06	16,54	19,31	35,84
<b>TPROD</b>	15,68	13,75	29,51	13,67	14,63	28,31
<b>TOTAL</b>	57,78	41,7	100	53,77	46,23	100

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2002 e 2007.

O número de ocupados brancos teve um crescimento inferior aos não brancos, porém, os brancos representam aproximadamente 57,78% em 2002 e 53,77% em 2007 no Brasil, e 83,99% em 2002 e 79,34% em 2007 na Região Sul, contra, 41,70% e 46,23% no Brasil respectivamente, e 15,99% e 20,67% na Região Sul dos ocupados não brancos. Estudo do IBGE (2008) mostra que os negros entram mais cedo no mercado de trabalho e acabam permanecendo mais tempo em relação aos brancos, além disso, apresentam anos de estudo inferiores aos brancos.

A revisão de literatura mostra que o mercado de trabalho ainda apresenta desigualdades nos postos ocupados, nos salários, nas diferentes dimensões geográficas e na escolaridade quanto a trabalhadores brancos e não brancos. Apesar do mercado de trabalho ter apresentado uma melhora como um todo, na década de 2000, pois gerou mais postos de trabalho e aumentou rendimentos, isso ainda não foi suficiente para reduzir as desigualdades no perfil das ocupações entre brancos e negros que sempre foram significativas na história.

A taxa de variação percentual das ocupações em relação à escolaridade pode ser evidenciada na tabela 4 para a Região Sul e Brasil. É possível observar que no Brasil e na Região Sul a faixa de 05 a 08 anos de estudo é representativa, ou seja, passou de 30,94% em 2002 para 28,09% em 2007 para o Brasil. A Região Sul reduziu de 33,12% para 30,34%. De forma oposta, as faixas de 09 a 11 anos e acima de 12 anos foram as que mais cresceram no período em análise, 19,94% e 23,08% para o Brasil, respectivamente, e 12,01% e 27,50%, respectivamente, para a Região Sul.

Observa-se uma queda sensível do grupo de 00 a 04 anos de estudos, de -24,92% para o Brasil e -24,05% para a Região Sul. Os Trabalhadores em Serviços e Trabalhadores da Produção estão em maior número no grupo de 05 a 08 anos de estudo para as duas regiões. Ressalta-se que a proporção dessas duas ocupações mencionadas, de 00 a 04 anos de estudo é semelhante com o grupo anterior, passando de 25,36% em 2002 e 19,04% em 2007, no Brasil e de 21,87% em 2002 para 16,61% em 2007, na Região Sul. As outras ocupações empregam menos de 10% para cada ocupação nesses grupos de escolaridade.

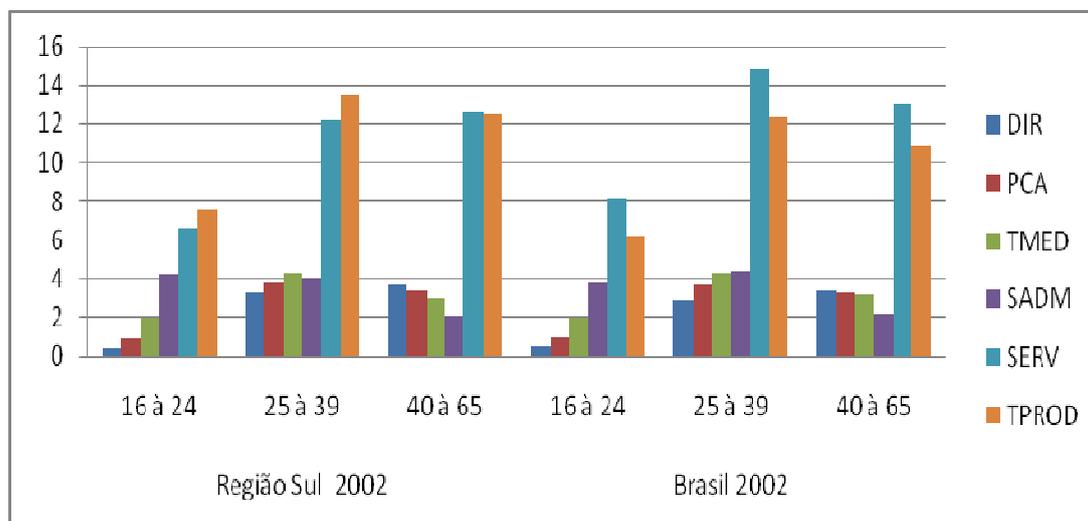
Em relação ao grupo cuja faixa de escolaridade está acima de 12 anos de estudo pode-se destacar: os Profissionais de Ciências e das Artes (6,22% para 7,04% no Brasil e 6,53 para 7,5% na Região Sul), em contraposição aos Trabalhadores da Produção que possuem um percentual muito baixo, quando comparado com outras ocupações (de 0,76% para 0,97% no Brasil, e 0,53% para 0,78% na Região Sul. Percebe-se um aumento tímido nas ocupações relacionadas aos Dirigentes, (de 2,62% para 2,83% no Brasil e de 2,72% para 3,7% na Região Sul). Estudo de Flori (2007) mostrou que para os anos entre 1984 e 2001 reduziram a proporção dos Dirigentes na faixa acima de 12 anos estudo.

**Tabela 4.** Distribuição percentual dos ocupados em cada ocupação por escolaridade, Brasil e Região Sul, em 2002 e 2007.

Ocupações x Anos de Estudo	Região Sul									
	2002					2007				
	00 a 04	05 a 08	09 a 11	Acima 12	Total	00 a 04	05 a 08	09 a 11	Acima 12	Total
DIR	0,56	1,51	2,56	2,72	7,35	0,43	1,17	2,58	3,70	7,89
PCA	0,14	0,39	1,00	6,53	8,06	0,14	0,39	0,92	7,50	8,95
TMED	0,40	1,32	4,71	2,82	9,25	0,33	1,15	4,44	3,74	9,66
SADM	0,28	1,72	5,73	2,66	10,38	0,32	1,51	5,64	3,48	10,96
SERV	9,77	12,59	7,63	1,38	31,37	7,40	11,85	9,53	2,12	30,89
TPROD	10,72	15,59	6,52	0,76	33,60	7,99	14,27	8,42	0,97	31,65
Ocupações x Anos de Estudo	Brasil									
	2002					2007				
	00 a 04	05 a 08	09 a 11	Acima 12	Total	00 a 04	05 a 08	09 a 11	Acima 12	Total
DIR	0,56	1,17	2,31	2,62	6,66	0,43	0,87	2,19	2,83	6,31
PCA	0,20	0,37	1,08	6,22	7,87	0,15	0,41	1,09	7,04	8,70
TMED	0,51	1,47	4,90	2,62	9,50	0,36	1,10	4,80	3,43	9,70
SADM	0,46	1,96	5,77	2,21	10,40	0,36	1,58	6,21	2,99	11,14
SERV	12,56	13,81	8,50	1,18	36,06	9,57	12,77	11,64	1,86	35,84
TPROD	11,07	12,16	5,73	0,53	29,51	8,17	11,36	8,00	0,78	28,31

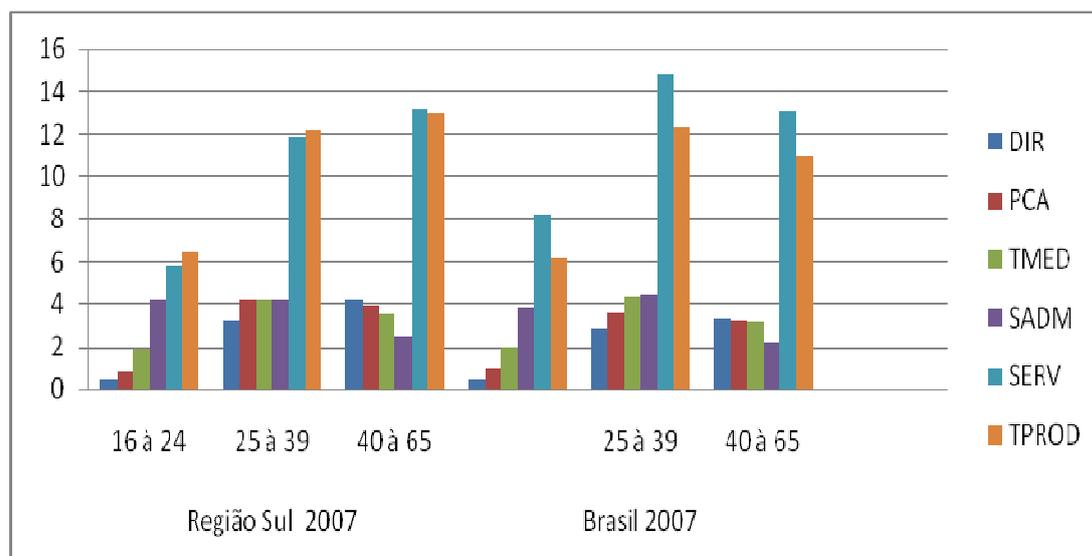
Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2002 e 2007.

Os gráficos 1 e 2 mostram a distribuição do perfil etário por diferentes grupos ocupacionais. Na Região Sul, a faixa de 40 a 65 anos de idade aumentou em todos os grupos, destacando um aumento maior para as ocupações de maior conteúdo (Dirigentes 13,55% e Profissionais das Ciências e das Artes 15,98%), e um menor, para as ocupações de execução (Trabalhadores dos Serviços 4,94% e Trabalhadores da Produção 4,08%). No Brasil os ocupados Dirigentes nessa faixa etária cresceu apenas 0,60%, os Profissionais das Ciências e das Artes 14,94%, os Técnicos de Nível Médio 14,94%, Serviços Administrativos 18,26%, Trabalhadores de Serviços 7,26% e Trabalhadores da Produção 3,66%.



**Gráfico 1.** Participação percentual dos ocupados por faixa etária em cada ocupação, Brasil e Região Sul 2002.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2002.



**Gráfico 2.** Participação Percentual dos ocupados por faixa etária em cada ocupação, Brasil e Região Sul, 2007.  
Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2007.

Montagner (2009) contribui para a discussão corroborando com os dados, no período recente houve uma novidade, ou seja, o crescimento do número de ocupados com mais de 40 anos. Esse grupo, na década passada, foi o que apresentou maior queda e uma baixa expectativa de reinserção com carteira assinada. Informações estatísticas do IBGE apontam que cerca de 2,32 milhões de pessoas com 40 anos ou mais estavam empregados entre 2002 e 2007. Essas pessoas, além do emprego na administração pública e serviços educacionais, foram inseridos nas ocupações de saúde (agente de saúde, ciências biológicas), agricultura, indústria (gerentes administrativos e comerciais), e construção civil. Para aqueles com menor escolaridade são incluídos em ocupações, entre outras, como motoristas, cobradores, garçom, costureiras.

Constata-se que no período analisado é notável a diminuição da participação da faixa de 16 a 24 anos de idade no mercado de trabalho no Brasil, cuja taxa de variação foi negativa nos Profissionais das Ciências e das Artes (-2,11%), Técnicos de Nível Médio (-7,58%), Trabalhadores dos Serviços (-12,79%) e Trabalhadores da Produção (-11,43%), e, de forma oposta, as ocupações de Serviços Administrativos expandiram em 1,05%. Destaca-se para a Região Sul uma variação negativa de -11,67% nos Trabalhadores dos Serviços e -14,57% para os Trabalhadores da Produção.

Braga e Rodarte (2006) ressaltam a dificuldade para os jovens na inserção ocupacional, geralmente pela falta de experiência. Esse segmento nos anos 90 teve acesso às atividades econômicas com maior dificuldade, devido às altas taxas de desemprego e aumento do vínculo informal. Nos anos 2000, nessa faixa etária, verificou-se maior participação na indústria de transformação (embalagens, etiquetagem) e serviços para empresas (informática, administradores de rede, analistas computacionais, mecatrônica, etc.).

Dadas essas considerações, os resultados indicam que na Região Sul houve um aumento do número de pessoas em grupos ocupacionais mais qualificadas, como Dirigentes (diretores em geral, gerentes, dirigentes do poder público, etc.) e Profissionais das Ciências e das Artes (engenheiros, professores, médicos, dentistas, psicólogos, escritores, advogados, etc.). Explicita-se uma menor proporção de mulheres Dirigentes, mas, salienta-se um maior crescimento proporcional da participação das mulheres nessa ocupação em relação aos homens para a Região Sul e Brasil. As atividades ligadas aos Profissionais das Ciências e das Artes são mais características da força de trabalho feminina e tiveram seu espaço aumentado no Sul.

Ainda em relação às ocupações de planejamento e liderança, corroborando a revisão de literatura observa-se um crescimento do número de ocupados não brancos, porém, estes são em proporção bem inferior ao número de ocupados brancos. É notória a maior participação na faixa etária de 40 a 65 anos na Região Sul nos ocupados Dirigentes e quase não estão presentes nos grupos de execução (Trabalhadores dos Serviços e Trabalhadores da Produção). A participação do Brasil nessa faixa etária no grupo dos Dirigentes é inferior quando comparada com a Região Sul.

Nas ocupações menos qualificadas, ou seja, as que estão ligadas às atividades de execução, como Trabalhadores dos Serviços (trabalhadores domésticos, garçons, vigias, cozinheiros, etc.) e Trabalhadores da Produção (vidraceiros, pintores, ajudantes de obras civis, marceneiros, montadores, mecânicos, etc.) verifica-se uma redução do número de ocupados tanto na Região Sul como no Brasil. Essa mesma trajetória de queda foi observada no número de mulheres ocupadas nas ocupações de execução (Serviços Administrativos e Trabalhadores dos Serviços) na Região Sul, mostrando uma melhor posição das mulheres na Região Sul. Os dados indicam que os brancos estão saindo das atividades ligadas a essas ocupações de execução e, em contrapartida, está ampliando a proporção dos não brancos nessas ocupações.

Além disso, houve tanto para a Região Sul bem como para o Brasil, um aumento do número de ocupados com mais de 09 anos de estudo. Implicando com isso, uma redução na proporção dos indivíduos ocupados de 00 a 4 anos de estudo e de 05 a 11 anos de estudo.

#### 4.1.3 Ocupação e rendimento do trabalho

A tabela 4 mostra a proporção dos indivíduos em cada ocupação por rendimento do trabalho principal no Brasil e na Região Sul, em 2002 e 2007. Os dados mostram uma redução dos ocupados que compõem a classe E (até R\$ 768,00), de 77,19% em 2002 para 63,54% em 2007, e 75,53% para 57,97%, respectivamente. De modo oposto, as classes AB, C e D apresentaram um crescimento no número de ocupados para o período analisado.

**Tabela 4.** Distribuição percentual dos indivíduos em cada ocupação por renda mensal, Brasil e Região Sul em 2002 e 2007.

Ocupações x Renda	Região Sul									
	2002					2007				
	A/B	C	D	E	Total	A/B	C	D	E	Total
DIR	0,48	3,56	1,44	1,86	7,35	1,08	4,75	1,17	0,89	7,89
PCA	0,42	3,11	1,29	3,24	8,06	0,86	4,66	1,20	2,23	8,95
TMED	0,14	2,33	1,50	5,28	9,25	0,36	3,85	1,69	3,74	9,66
SADM	0,03	1,00	1,12	8,22	10,38	0,08	2,14	1,91	6,83	10,96
SERV	0,04	1,18	1,72	28,41	31,37	0,12	3,09	3,38	24,30	30,89
TPROD	0,04	2,10	2,98	28,52	33,60	0,16	5,53	6,03	19,95	31,65
Ocupações x Renda	Brasil									
	2002					2007				
	A/B	C	D	E	Total	A/B	C	D	E	Total
DIR	0,60	3,06	1,19	1,81	6,66	0,93	3,47	0,93	1,00	6,31
PCA	0,53	3,31	1,12	2,90	7,87	0,99	4,17	1,20	2,33	8,70
TMED	0,11	2,14	1,36	5,89	9,50	0,34	3,45	1,59	4,32	9,70
SADM	0,03	1,08	1,03	8,27	10,40	0,07	2,00	1,74	7,33	11,14
SERV	0,05	1,29	1,50	33,20	36,06	0,15	2,88	3,17	29,64	35,84
TPROD	0,04	1,84	2,54	25,12	29,51	0,14	4,48	4,80	18,92	28,31

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2002 e 2007.

Na Região Sul, os indivíduos inseridos em ocupações de melhor conteúdo estão saindo da classe econômica D e E, deslocando para as classes AB e C. Os Dirigentes (diretores em geral, gerentes, dirigentes do poder público, etc.), reduziram-se em -18,75% na classe D, -52,15% na classe E e expandiram em 33,43% na Classe C. Os Profissionais das Ciências e das Artes (engenheiros, professores, médicos, dentistas, psicólogos, escritores, advogados, etc.) retraíram -6,98% e -31,17% nas classes D e E, respectivamente, e aumentaram 49,84% na classe C. As ocupações da linha de execução apresentaram queda, especialmente em Trabalhadores dos Serviços (trabalhadores domésticos, garçons, vigias, cozinheiros, etc.), diminuindo em -14,47% na classe E e cresceram 161,86% na classe C e 96,51% na classe D. Os Trabalhadores da Produção (vidraceiros, pintores, ajudantes de obras civis, marceneiros, montadores, mecânicos, etc.) retraíram -30,05% na classe E e aumentaram 163,33% na C e 102,35 na D.

No Brasil observa-se diminuição do número de ocupados em todos os grupos ocupacionais na classe E. Nas ocupações Dirigentes e Profissionais das Ciências e das Artes houve um deslocamento para as classes AB e C e nas ocupações de execução, um deslocamento para as classes C e D, destacando o maior número de aumento na classe C.

Os indicadores da desigualdade regional mostram que o rendimento dos trabalhadores da região sul, no período 2002-2007, passou de R\$ 783,40 para R\$ 913,90. Já o nordeste, foi a região que apresentou o menor nível salarial do país, a média de rendimento era de R\$ 416,7 e chegou a R\$ 481,00 em 2007.

No entanto, dados da Pnad (2007), evidenciam que as maiores taxas de crescimento dos rendimentos reais médios em relação ao trabalho principal foram verificadas na região sul (5,3%) e na região do nordeste (4,9%) no período em análise.

Estudos revisados em Baltar (2009) e Dedecca (2009) argumentam que a diferença de salário é grande, porém, no período compreendido entre 2004 e 2007, houve uma elevação do nível salarial favorecida pela maior estabilidade da economia, recuperação do poder de compra do salário, maior geração de emprego, pela formalização dos contratos de trabalho, pelos melhores reajustes das categorias profissionais e pela valorização do salário mínimo. Apesar desse progresso, vale ressaltar, que ainda 68,5% dos empregados em 2007, ainda ganhavam menos que dois salários mínimos.

#### 4.1.4 Ocupação: posição e condição na ocupação

Um fator frequentemente caracterizado como contribuinte para a composição discrepante dos rendimentos médios entre as ocupações é a forma como se dispõem as posições e a condição na ocupação no mercado de trabalho que podem ser bons indicadores de como se procede a participação efetiva dos ocupados no Brasil e na Região Sul.

As posições ocupadas pelos trabalhadores são definidas pelo IBGE por critérios específicos, mencionados anteriormente. Esses critérios permitem que sejam percebidas posições desprivilegiadas no mercado de trabalho, caracteristicamente marcadas por instabilidade, alto grau de informalidade, baixa remuneração e despreteção social, como o trabalhador por conta própria, empregador e assalariado sem carteira.

Os dados apresentados na tabela 5 expõem as proporções em cada grupo por posição na ocupação. A população ocupada ainda é composta por empregados, no país como um todo e na Região Sul, passando de 73,90% em 2002 para 75,54% em 2007 e 74,62% em 2002 para 76,35% em 2007, respectivamente. Isso evidencia a predominância e o crescimento baseadas no assalariamento, presentes historicamente no país. No entanto, esse comportamento é mais evidenciado nas ocupações de execução, as quais estão mais assentadas em contratos de trabalho.

Outro aspecto importante a ser considerado são as ocupações de planejamento. Na região Sul o número de ocupados empregadores Dirigentes é mais acentuado quando comparado com os empregados e os por conta própria. Contudo, a variação percentual dos empregados foi de 17,91% e dos empregadores de -0,91%. Há um número maior de Profissionais de Ciências e das Artes na posição de empregado, expandindo de 2002 para 2007 em 17,59% e retraindo em 0,6% desse grupo na posição por conta própria.

O maior número de trabalhadores ocupados nos grupos de execução, na Região Sul, está presente na categoria empregado. Salientam-se os Técnicos de Nível Médio (técnicos químicos, programação, técnicos em geral, corretores, etc.) que além de apresentar o menor percentual na categoria empregador, ainda retraiu -47% nessa posição e os Trabalhadores da Produção (como vidraceiros, pintores, mecânicos, marceneiros, montadores e ajudantes de obras civis) que diminuíram em -25% na categoria.

O Brasil, diferentemente da Região Sul, teve uma diminuição dos empregados dirigentes de -11,67%, dos empregadores de -14,21% e um aumento de 400% em conta própria. O número de Profissionais das Ciências e das Artes contraiu sua participação como empregadores em 13,89% e em conta própria -3,40%. Nas profissões menos qualificadas observa um aumento em 3,64% de empregador no número de ocupados nos Trabalhadores de Serviço (trabalhadores domésticos, garçons, vigias, cozinheiros, etc.). A maior proporção de indivíduos empregados é evidenciada nos Trabalhadores de Serviços e Trabalhadores da Produção.

As ocupações de planejamento, como Dirigentes, estão mais presentes na posição empregadores e os Profissionais das Ciências e das Artes na de empregados, porém, essas ocupações predominam nas classes econômicas AB e C. Em contrapartida, as ocupações de execução, são mais características da categoria empregados pertencem a classe E.

A taxa de crescimento no percentual das ocupações na composição da população ocupada pode ser evidenciada na tabela 6, na qual é possível observar que a participação relativa no Brasil quanto à condição na ocupação teve uma queda de -37,86% no setor formal e um crescimento de 50,41% entre os Dirigentes. Já os Profissionais das Ciências e das Artes apresentaram uma variação de 68,67% no setor formal e -28,45 no informal, os Técnicos de Nível Médio cresceram em 60,37% na formalidade e reduziram -37,02% na informalidade, os Serviços Administrativos permaneceram no mesmo patamar em relação aos formais e diminuíram -72,82 de informalidade, os Trabalhadores de Serviços apresentaram queda de -27,22% entre

formais e crescimento de 38,64% entre informais e, por fim, os Trabalhadores da Produção, reduziram - 18,92% do setor formal e aumentou 15,68% dos informais. A Região Sul aumentaram a informalidade em todas ocupações, exceto, nos Trabalhadores da Produção.

**Tabela 5.** Distribuição percentual dos ocupados por posição ocupação, Brasil e Região Sul, em 2002 e 2007.

Ocupações x Posição Ocupação	Região Sul							
	2002				2007			
	Empregado	Empregador	Conta Própria	Total	Empregado	Empregador	Conta Própria	Total
DIR	2,96	4,38	0,01	7,35	3,49	4,34	0,06	7,89
PCA	6,03	0,36	1,67	8,06	6,91	0,37	1,66	8,95
TMED	7,22	0,17	1,85	9,25	7,70	0,09	1,86	9,66
SADM	10,31	0,01	0,07	10,38	10,90	0,01	0,06	10,96
SERV	24,09	0,23	7,04	31,37	24,45	0,22	6,22	30,89
TPROD	24,01	0,72	8,87	33,60	22,90	0,54	8,21	31,65
<b>TOTAL</b>	<b>74,62</b>	<b>5,87</b>	<b>19,51</b>	<b>100</b>	<b>76,35</b>	<b>5,57</b>	<b>18,07</b>	<b>100</b>
Ocupações x Posição Ocupação	Brasil							
	2002				2007			
	Empregado	Empregador	Conta Própria	Total	Empregado	Empregador	Conta Própria	Total
DIR	3,60	3,59	0,01	6,66	3,18	3,08	0,05	6,31
PCA	6,04	0,36	1,47	7,87	6,87	0,31	1,52	8,70
TMED	7,73	0,12	1,65	9,50	8,02	0,11	1,57	9,70
SADM	10,28	0,01	0,11	10,40	11,05	0,01	0,08	11,14
SERV	26,84	0,22	9,00	36,06	27,16	0,25	8,43	35,84
TPROD	19,43	0,61	9,47	29,51	19,26	0,51	8,54	28,31
<b>TOTAL</b>	<b>73,90</b>	<b>4,90</b>	<b>21,70</b>	<b>100</b>	<b>75,54</b>	<b>4,27</b>	<b>20,19</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2002 e 2007.

**Tabela 6.** Distribuição percentual dos ocupados em cada ocupações por condição na ocupação, Brasil e Região , em 2002 e 2007.

Ocupações x Condição Ocupação	Região Sul					
	2002			2007		
	Formal	Informal	Total	Formal	Informal	Total
DIR	4,94	2,41	7,35	4,91	2,98	7,89
PCA	3,03	5,03	8,06	3,35	5,59	8,95
TMED	3,55	5,70	9,25	3,61	6,05	9,66
SADM	1,99	8,40	10,38	2,07	8,89	10,96
SERV	16,89	14,48	31,37	15,12	15,77	30,89
TPROD	15,39	18,20	33,60	13,57	18,08	31,65
Ocupações x Condição Ocupação	Brasil					
	2002			2007		
	Formal	Informal	Total	Formal	Informal	Total
DIR	4,20	2,46	6,66	2,61	3,70	6,31
PCA	3,16	4,71	7,87	5,33	3,37	8,70
TMED	3,81	5,70	9,50	6,11	3,59	9,70
SADM	2,28	8,13	10,40	8,93	2,21	11,14
SERV	21,49	14,57	36,06	15,64	20,20	35,84
TPROD	16,81	12,69	29,51	13,63	14,68	28,31

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da Pnad de 2002 e 2007.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar o mercado de trabalho brasileiro, investigando a estrutura ocupacional no Brasil e Região Sul, entre 2002 e 2007, caracterizando as ocupações quanto a gênero, raça, escolaridade, faixa etária, rendimento, posição e condição na ocupação. Cabe destacar o que segue.

A Região Sul, ao contrário do Brasil, apresentou um crescimento do número de ocupados em ocupações mais qualificadas, como Dirigentes (diretores em geral, gerentes, dirigentes do poder público, etc.) e Profissionais das Ciências e das Artes (engenheiros, professores, médicos, dentistas, psicólogos, escritores, advogados, etc.). Nas ocupações menos qualificadas, ou seja, as que estão ligadas as atividades de execução, como Trabalhadores dos Serviços (trabalhadores domésticos, garçons, vigias, cozinheiros, etc.) e Trabalhadores da Produção (vidraceiros, pintores, ajudantes de obras civis, marceneiros, montadores, mecânicos, etc.) verifica-se uma redução do número de ocupados tanto na Região Sul como no Brasil.

Os dados indicam uma melhoria na situação das mulheres em relação aos homens no mercado de trabalho. Nota-se que a maioria da população ocupada ainda é composta por homens, porém as mulheres têm caracterizado uma tendência acentuada e crescente de inserção na população ocupada. Verifica-se uma menor proporção de mulheres Dirigentes, porém, aumentou a participação da mão-de-obra feminina nessa ocupação em relação aos homens para a Região Sul e Brasil, as mulheres ligadas aos Profissionais das Ciências e Artes tiveram um maior espaço no Sul e houve uma redução de mulheres ocupadas nas atividades de execução (Serviços Administrativos e Trabalhadores dos Serviços) na Região Sul, mostrando uma melhor posição das mulheres na Região Sul.

Os dados confirmam um crescimento do número de ocupados não brancos, porém, estes são em proporção bem inferior ao número de ocupados brancos. Constata-se que os brancos estão se deslocando das atividades ligadas às ocupações de execução, principalmente, Trabalhadores da Produção e Trabalhadores dos Serviços, e, em contrapartida, está ampliando a proporção dos não brancos nessas ocupações.

É notória a maior participação na faixa etária de 40 a 65 anos na Região Sul nos ocupados Dirigentes e quase não estão presentes nos grupos de execução (Trabalhadores de Serviços e Trabalhadores da Produção). A participação do Brasil nessa faixa etária no grupo dos Dirigentes é inferior quando comparada com a Região Sul. Houve tanto para a Região Sul como para o Brasil, um aumento do número de ocupados com mais de 12 anos de estudo e de 09 a 11 anos de estudo, implicando com isso, uma redução na proporção dos indivíduos ocupados de 00 a 4 anos de estudo e de 05 a 11 anos de estudo.

As informações uma redução dos ocupados que compõem a classe E em todos grupos ocupacionais e, de forma oposta, as classes AB, C e D apresentaram um crescimento no número de ocupados para o período analisado. Tanto na Região sul como no Brasil, os ocupados das classes AB e C estão mais presentes nas ocupações de planejamento (Dirigentes e Profissionais das Ciências e das Artes) e as ocupações ligadas às atividades de execução, especialmente Trabalhadores dos Serviços e Trabalhadores da Produção, estão mais presentes na classe E, porém, estão deslocando dessa classe e vindo para C e D, implicando em uma melhoria na renda. Cabe destacar, que os Trabalhadores do Serviço e Trabalhadores da Produção, são os ocupados que estão crescendo proporcionalmente mais na classe C.

Em relação à posição na ocupação, a pesquisa mostra que o número de indivíduos Dirigentes, na Região Sul, na posição de empregador é predominante, porém, houve uma maior variação percentual da categoria empregados nessa ocupação. A maioria dos trabalhadores ocupados nos grupos de execução, na Região Sul, está presente na categoria empregado. Destacam-se os Técnicos de Nível Médio (técnicos químicos, programação, técnicos em geral, corretores, etc.) e os Trabalhadores da Produção (como vidraceiros, pintores, mecânicos, marceneiros, montadores e ajudantes de obras civis) que diminuiram na posição empregador.

O Brasil, diferentemente da Região Sul, apresentou uma diminuição do número de Dirigentes empregados, empregadores e teve considerável aumento dos conta própria. Nas profissões menos qualificadas observa-se um aumento da categoria empregador no número de ocupados do grupo ocupacional Trabalhadores dos Serviços.

A informalidade, na Região Sul, aumentou em todas as ocupações, exceto, nos Trabalhadores da Produção, enquanto o Brasil diminuiu a informalidade nas atividades ligadas aos Profissionais das Ciências e das Artes e em algumas ocupações de execução, como nos Serviços Administrativos e Técnicos de Nível Médio.

Enfim, esse trabalho contribui para a análise da dinâmica do perfil dos ocupados na Região Sul e Brasil, destacando a tendência de reorganização do mercado de trabalho nos anos 2000, uma maior permanência na escola dos ocupados, melhoria na participação da força de trabalho feminina e nos rendimentos do trabalho, principalmente dos grupos ocupacionais de execução, que estão deslocando da classe E para a C.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the occupational structure in the southern region between 2002 and 2007, characterizing the occupational groups in education level, gender, age, race, income, position and condition of the occupation. For this, we use the PNAD (National Household Sample Survey) as a database and statistical software to map the relevant information to search. The results show for the Southern Region to increase the number of employed in skilled occupations such as Managers and Professionals in Science and Arts, reduction of employees in less skilled occupations mainly in the Services and Workers Production Workers, better situation of women in labor market. There is a predominance of the age group 40-65 years between the leaders and an increment of schooling across all occupations. A decrease of individuals engaged in economic class and in all groups, shifting to the class C, despite the prevalence of employed skilled in class E and the most qualified in Class AB and C. The occupied White moved from activities related to the occupations of execution, and conversely, increased the proportion of nonwhites in these occupations. There was a greater informality in all occupations.

**Keywords:** Occupational Structure, Occupation, Southern Region.

## REFERÊNCIAS

- BALTAR, P. Os salários na retomada da economia e do mercado de trabalho no Brasil:2004-2007. In: BALTAR, P; KREIN,J; SALAS, C .**Economia e Trabalho: Brasil e México**. Campinas: Cesis, 2009.
- BARROS, R. P. **Os Determinantes da Desigualdade no Brasil**. São Paulo: USP, 1997.
- BRAGA, T; RODARTE, M. **A inserção ocupacional e o desemprego dos jovens: o caso das regiões metropolitanas de Salvador e Belo Horizonte**. São Paulo Pesquisa & Debate, v.17, n 1 (29), p. 103-123, 2006.
- CARDOSO Jr.,C. **De volta para o futuro?** As fontes de recuperação do emprego formal no Brasil e as condições de sua sustentabilidade temporal. Brasília: Ipea, 2007. (Texto para discussão 1310).
- DEDECA, C. O trabalho assalariado no capitalismo brasileiro atual. In: BALTAR, P; KREIN,J; SALAS, C .**Economia e Trabalho: Brasil e México**. Campinas: Cesis, 2009.
- \_\_\_\_\_. Reestruturação produtiva e tendência do emprego. In: OLIVEIRA, M. (Org.). **Economia & Trabalho: textos básicos**. Campinas: Unicamp, 1999.
- DEDECCA, C. Mudanças na distribuição de renda individual e familiar no Brasil. In: Congresso da Associação Latino Americana de População, Caxambu, 2004.
- \_\_\_\_\_. Absorção de mão-de-obra, emprego e qualificação. **Revista de Economia Política**, v. 22, n. 2 (86), abril-junho, São Paulo, 2002.
- FLORI, P.; MENEZES FILHO, N. **Polarização Ocupacional?** Entendendo o papel da ocupação no mercado de trabalho brasileiro. 2007. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: janeiro de 2009.
- KON, A. **A Estrutura Ocupacional Brasileira: uma abordagem regional**. Brasília: SESI, 1995.
- QUADROS, W. Gênero e raça na desigualdade social brasileira recente. Estudos Avançados[online],v.18, n.50, pp. 95-117. São Paulo, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100010&script=sci\\_arttext#tx03](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100010&script=sci_arttext#tx03). Acessado em 19 jan 2010.

MONTAGNER, P. O desenvolvimento econômico e estrutura das ocupações- a situação da classe trabalhadora entre 2003-2007. In: BALTAR, P; KREIN,J; SALAS, C .**Economia e Trabalho**: Brasil e México. Campinas: Cesit, 2009

POCHMANN, M. Mercado geral de trabalho: o que há de novo no Brasil? **Revista Parcerias estratégicas**, CGEE, n.22, jun 2006.

RAMOS, L.; FERREIRA, V. **Padrões espacial e setorial da evolução informalidade no período 1991-2005**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006 (Texto para discussão).

RAMOS, L.. **O desempenho recente do mercado de trabalho brasileiro**: tendências, fatos estilizados e padrões espaciais. IPEA, 2007 (texto para discussão).

OLIVEIRA, C. A. Formação de mercado de trabalho no Brasil. In: OLIVEIRA, M. (Org.). **Economia & Trabalho**: textos básicos. Campinas: UNICAMP, 1999.

SOUZA,S.; BAPTISTELLA, J;. FERREIRA, C.; GABRIEL, F. Concentração de renda nas macrorregiões brasileiras: estudo do período 2003 - 2006 . In: Encontro Brasileiro de Estudos do Trabalho, 11, 2009, Salvador. **Anais...** Campinas: ABET, 2009.

TUMA,F. A Política salarial do período 1979-1982: uma análise dos seus efeitos redistributivos. 1987. Tese (Mestrado em Economia) – Universidade de Campinas, Campinas.

